

**FATORES DETERMINANTES E PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS AGRESSORES
NO BULLYING ESCOLAR:
uma revisão integrativa**

**DETERMINING FACTORS AND EPIDEMIOLOGICAL PROFILE OF
AGGRESSIVES IN SCHOOL BULLYING:
an integrative review**

Natália Rosa Marques¹

Laryssa Tinoco Reis²

Ana Luiza Medeiros Mota dos Reis³

Ana Karynne Marques⁴

Maria de Jesus Torres Pacheco⁵

RESUMO

O *bullying* no ambiente escolar é um problema mundialmente reconhecido, sendo necessário direcionar maior atenção ao enfrentamento dessa questão de saúde pública. Compreender como se desenvolvem os comportamentos violentos de crianças e adolescentes praticantes de *bullying* e atuar nesse contexto pode contribuir para evitar desvios de conduta em sociedade desses indivíduos quando adultos e diminuir a ocorrência do próprio *bullying*. O presente trabalho é uma revisão integrativa cujo objetivo geral consiste em avaliar os mecanismos que predisõem estudantes a se tornarem praticantes de *bullying* escolar. Os portais utilizados para pesquisa em base de dados foram: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Pubmed (Medline), Scielo, Google Scholar e Portal CAPES. Os descritores de busca foram: *bullying* crianças; *bullying* adolescentes; *bullying* escolar. Foram selecionados 30 artigos para abordar os objetivos do trabalho. Foi evidenciado que o perfil de crianças e adolescentes do sexo masculino e inseridas em um contexto de negligência parental tem destaque entre os perpetradores do *bullying* escolar. Fatores como má qualidade de sono, bruxismo de vigília, alguns distúrbios externalizantes como o Transtorno Opositivo-Desafiador e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade podem estar associados ao componente agressivo do *bullying*. O desengajamento moral e outras teorias do comportamento são apontados como possíveis mecanismos de construção dessa prática, por vezes associados a outras variáveis. Dentre fatores que atuam em conjunto (ou isoladamente) ao desengajamento moral, há a presença de sentimentos de vingança, hostilidade e raiva; necessidade de popularidade; exposição a videogames violentos; distanciamento em relação à vítima e diminuição da empatia; e um ambiente escolar não afetivo. Dado que o *bullying* é um fenômeno multifatorial e complexo,

¹ Acadêmica do décimo período do curso de Medicina da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: marques.natalia@discente.ufma.br

² Acadêmica do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: reis.laryssa@discente.ufma.br

³ Acadêmica do curso de Medicina da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: ana.lmmr@discente.ufma.br

⁴ Acadêmica do curso de Medicina da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: ana.karynne@discente.ufma.br

⁵ Doutora em Distúrbios do Desenvolvimento e prof. de Pediatria da UFMA. E-mail: maria.jesus@ufma.br

é importante considerar os momentos mais oportunos para realizar intervenções direcionadas entre crianças e adolescentes, além de construir estratégias continuadas de prevenção.

Palavras-chave: Adolescentes. *Bullying*. Estudantes. Violência.

ABSTRACT

Bullying in the school environment is a problem recognized worldwide. It is necessary to direct greater attention to the confrontation of this public health problem. Understanding how the violent behavior of children and adolescents who practice bullying develop and acting in this context can help to avoid misconduct in society of these individuals as adults and reduce the occurrence of bullying itself. The present work is an integrative review whose general objective is to evaluate the mechanisms that predispose students to become practitioners of school bullying. The portals used for database research were: Virtual Health Library (VHL), Pubmed (Medline), Scielo, Google Scholar and CAPES Portal. The search descriptors were: bullying children; teenage bullying; school bullying. 30 articles were selected to address the objectives of the review. It was evidenced that the profile of male children and adolescents inserted in a context of parental neglect is highlighted among the perpetrators of school bullying. Factors such as poor sleep quality, wakeful bruxism, some externalizing disorders such as Oppositional Defiant Disorder and Attention Deficit Hyperactivity Disorder may be associated with the aggressive component of bullying. Moral disengagement and other theories of behavior are pointed out as possible mechanisms for the construction of this practice, sometimes associated with other variables. Among the factors that act jointly (or separately) to moral disengagement, there are the presence of feelings of revenge, hostility and anger; need for popularity; exposure to violent video games; distancing from the victim and decreased empathy; and a non-affectionate school environment. Considering that bullying is a multifactorial and complex phenomenon, it is important to consider the most opportune moments to carry out targeted interventions among children and adolescents, in addition to building continuous prevention strategies.

Keywords: Bullying. Students. Teens. violence.

INTRODUÇÃO

O *bullying* refere-se a repetidas ações violentas praticadas contra um indivíduo em contextos sociais diversos, em que a vítima é incapaz de reagir de maneira efetiva frente à violência sofrida por um desequilíbrio de poder entre os envolvidos (AGUILAR-FARIAS *et al.*, 2021; ALCOBIA *et al.*, 2020). O *bullying* no ambiente escolar é um problema complexo mundialmente reconhecido (ARANHA, 1993), bem como suas repercussões a curto e longo prazo (BARBOSA, 2017). São provocados danos físicos e/ou desconforto dentro desse ambiente, geralmente na ausência de adultos ou responsáveis (BLAKEMORE, 2012).

O debate sobre o *bullying* escolar foi desenvolvido a partir da década de 1970, embora sua existência acompanhe o surgimento das instituições escolares. Hoje, o *bullying* escolar é analisado do ponto de vista de áreas como a psicologia, medicina, sociologia e pedagogia, dado

que é não apenas uma questão escolar, mas também um problema de saúde pública, considerando suas consequências (ALCOBIA, *et al.*, 2020).

No que tange ao impacto do *bullying* escolar na saúde das vítimas, já foram relatados efeitos como insônia, dificuldade de interação com colegas, quadros depressivos e suicídio. Quanto aos agressores, fala-se, especialmente, a respeito da propensão a praticar atos infracionais ao longo da vida. São relatados ainda problemas de relacionamento interpessoal mesmo entre os espectadores - alunos sem participação ativa nas agressões (BLAKEMORE, 2012).

Cerca de 20 a 25% dos jovens dos Estados Unidos estão envolvidos com essa prática. Recentemente, foi encontrada uma prevalência de 35% de *bullying* convencional - agressões habituais limitadas ao meio físico da instituição dos estudantes. Além disso, 15% dos jovens entre 12 e 18 anos estariam envolvidos com o *cyberbullying*, geralmente marcado por agressões psicológicas em meios de comunicação virtual (ARANHA, 1993).

O panorama das práticas de *bullying* escolar no Brasil já foi descrito por dados do Ministério da Saúde e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, identificando cerca de 7,2% dos alunos como vítimas desse tipo de agressão (BARBOSA, 2017). Um estudo transversal em Campina Grande indicou prevalência ainda maior, em torno de 29,5% dos alunos. Foi observado predomínio de agressões psicológicas, como ameaças e xingamentos (BLAKEMORE, 2012).

Um estudo sobre o *bullying* em Codó, interior do Maranhão, evidenciou que, dos alunos participantes da pesquisa, 60% já haviam sido vítimas ou conheciam alguém que já esteve envolvido com as agressões típicas do *bullying* escolar. Os relatos dos professores entrevistados demonstram dificuldade em lidar com esse tipo de comportamento que pode se dirigir ao próprio corpo docente (COLL *et al.*, 2007).

É necessário o reconhecimento do *bullying* escolar como um problema de saúde pública, por afetar o desenvolvimento psíquico e intelectual e a qualidade de vida de crianças e adolescentes, levando a sérias consequências para a educação e a vivência em sociedade. Todavia há pouca divulgação de estudos sobre intervenções diante do *bullying* escolar, demonstrando a necessidade de direcionar maior atenção ao enfrentamento dessa realidade (BARBOSA, 2017).

Nessa perspectiva, este estudo tem como objetivo geral avaliar os fatores predisponentes à prática do *bullying* escolar. Para isso, constituem objetivos específicos do trabalho:

- a) Descrever o perfil clínico e epidemiológico de crianças e adolescentes praticantes de *bullying* escolar.
- b) Identificar as formas de violência praticadas no *bullying* escolar.
- c) Compreender como condições clínicas, psíquicas e sociais predisõem ao *bullying* escolar.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo secundário tipo revisão integrativa. Para elaborar uma síntese crítica do tema, seis etapas foram seguidas: a) elaboração da pergunta norteadora; b) busca ou amostragem na literatura; c) coleta de dados e análise crítica dos estudos incluídos; d) discussão dos resultados; e) apresentação da revisão integrativa (CUI *et al.*, 2020). Neste trabalho, a pergunta norteadora foi: Qual o entendimento científico acerca dos fatores predisponentes à prática do *bullying* escolar?

Os portais utilizados para pesquisa em base de dados foram: Biblioteca Virtual em Saúde Brasil (BVS), Pubmed (disponibilizado pela *National Library of Medicine*), *Scientific Electronic Library On-line* (SciELO), *Google Scholar* e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os descritores de busca foram *bullying* escolar; *bullying* crianças; *bullying* adolescentes. Os filtros de busca em cada base de dados estão descritos com mais detalhes no Quadro 1.

Foram buscados artigos com textos e resumos completos disponíveis nas plataformas, publicados entre janeiro de 2011 e agosto de 2021. Foi inclusa, ainda, uma publicação de 1996 por ser parte das fontes iniciais de alguns dos conceitos aqui utilizados. A proporção estabelecida para publicações dos últimos 5 anos foi de, no mínimo, 60% do total dos artigos da revisão, escritos em português e/ou inglês e/ou espanhol. Foram excluídos textos sem dados clínico-epidemiológicos e/ou considerações a respeito de crianças e adolescentes praticantes de *bullying* escolar por tangenciarem o tema do trabalho.

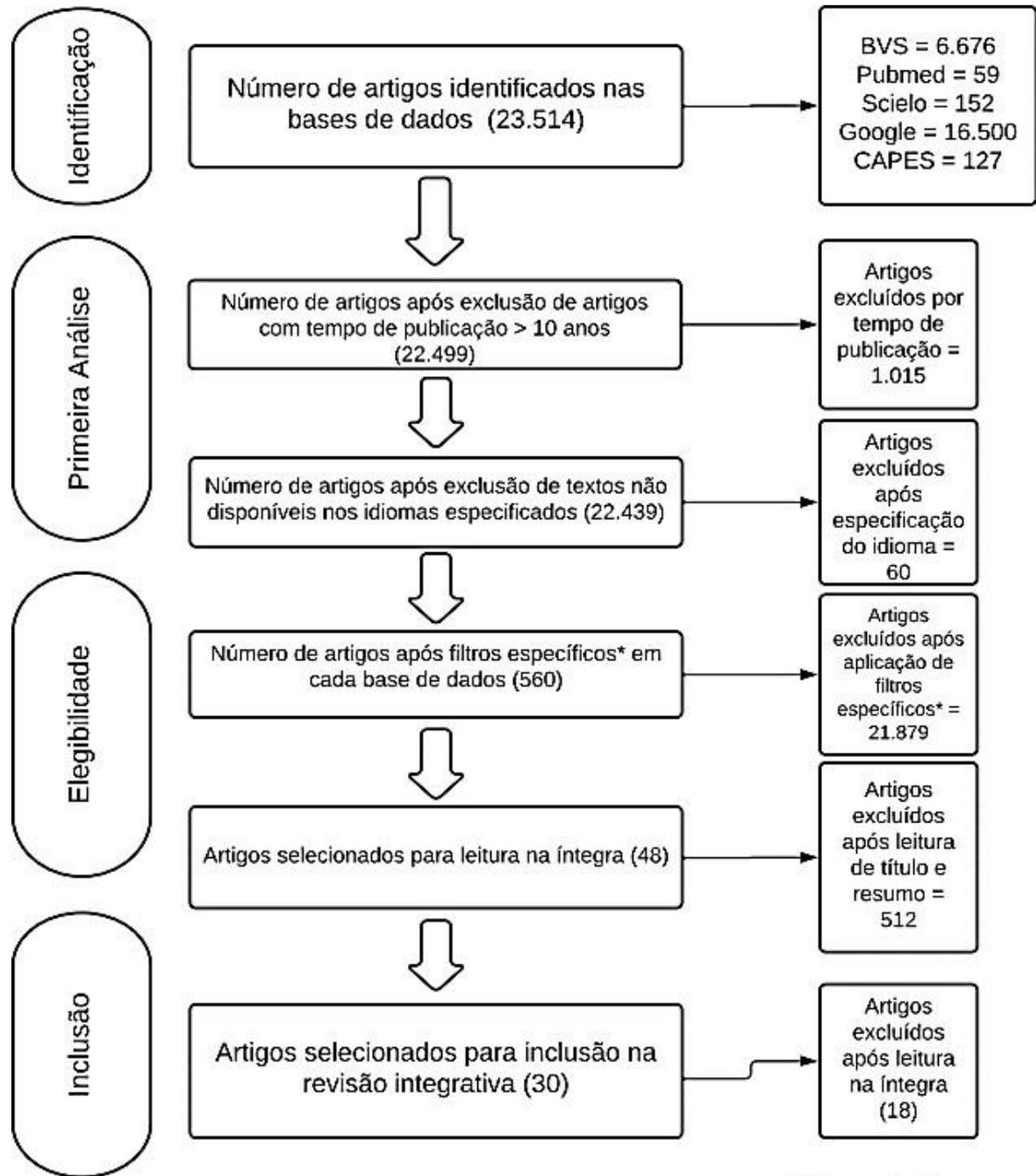
A partir da leitura dos textos selecionados, foi realizado o fichamento extraindo as ideias centrais de cada material considerando metodologia, tamanho da amostra e método de análise. Os artigos foram, então, classificados de modo a estabelecer uma hierarquia entre seus níveis de evidência. Em seguida, foi feito um agrupamento dos textos quanto a sua compatibilidade com objetivos específicos estabelecidos no projeto para facilitar a discussão. A seleção do material está ilustrada por meio de fluxograma (Figura 1), demonstrando os critérios citados para facilitar o entendimento a respeito da construção lógica da revisão. A distribuição dos artigos consta no Quadro 2.

Quadro 1: Filtros específicos utilizados em cada base pesquisada

Base de dados	Filtros
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)	<ul style="list-style-type: none"> - Descritores: <i>bullying</i> escolar OR <i>bullying</i> crianças OR <i>bullying</i> adolescentes; - Assuntos: estudantes, comportamento adolescente e agressão; - Retirados estudos prognósticos, revisões sistemáticas, sínteses de evidências, estudos diagnósticos, guias de prática clínica e avaliações econômicas em saúde.
Pubmed (National Library of Medicine)	<ul style="list-style-type: none"> - Descritores: <i>bullying</i> escolar AND <i>bullying</i> crianças AND <i>bullying</i> adolescentes; - Filtros avançados: Desengajamento moral, escola, perpetração e comportamento agressivo.
Scientific Eletronic Library Online (SciELO)	<ul style="list-style-type: none"> - Descritores: <i>bullying</i> escolar AND/OR <i>bullying</i> crianças AND/OR <i>bullying</i> adolescentes; - Retiradas cartas, relatos de caso e publicações não citáveis; - Inclusas publicações de revistas de psicologia, saúde coletiva, enfermagem e pediatria.
Google Acadêmico	<ul style="list-style-type: none"> - Descritores: <i>bullying</i> escolar AND <i>bullying</i> crianças AND <i>bullying</i> adolescentes; - Publicações selecionadas para a leitura de acordo com a ordem de relevância na base.
Periódicos da plataforma CAPES	<ul style="list-style-type: none"> - Descritores: <i>bullying</i> escolar AND <i>bullying</i> crianças AND <i>bullying</i> adolescentes; - Retirados textos do tipo resenha e relatório; - Mantidas publicações no formato artigo; - Retirados os artigos de bases de dados repetidas (SciELO e Medline).

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Figura 1: Fluxograma da seleção de publicações para a revisão



Fonte: Elaborada pelas autoras.

RESULTADOS

Foram selecionados, para essa revisão, 30 artigos a partir dos descritores e demais critérios estabelecidos. Desses, 20 são publicações dos últimos 5 anos (2017 a 2021), ou seja, 66% do total. 9 artigos foram publicados entre 2011 e 2017 (30%) e um em 1996.

Quanto às bases de dados utilizadas, 10 artigos selecionados foram retirados da pesquisa no *Google Acadêmico* (33%); 9, na *Scielo* (30%); 6, na Plataforma de Periódicos CAPES (20%); 3, na Biblioteca Virtual em Saúde (10%); e 2 no Pubmed (6%).

Quanto aos idiomas das publicações, 18 foram encontrados em português (60%); 11 em inglês (36,6%) e 1 em espanhol (3,3%). Quanto aos países das populações de estudo (ou locais de publicação, no caso dos trabalhos teóricos), a maior parte tem origem no Brasil (20 artigos). Quanto aos demais países no continente americano, temos 1 publicação da Colômbia e 2 dos Estados Unidos (totalizando 76% artigos no continente americano). Quanto ao continente europeu, temos 3 periódicos científicos espanhóis (10%). 4 dos artigos são de origem Asiática (13,3%), sendo 3 da China e 1 da Coreia do Sul.

Após a definição dos artigos a serem utilizados na presente revisão, as principais informações extraídas dessas publicações foram organizadas de modo a amparar a discussão dos objetivos específicos.

Quadro 2: Distribuição dos artigos incluídos na revisão quanto a título, autores, idioma/país, objetivo geral, ano de publicação e base de dados.

TÍTULO	AUTORES	IDIOMA/ PAÍS	OBJETIVO	NNº	BASE
Why do Victims become Perpetrators of Peer Bullying? Moral Disengagement in the Cycle of Violence	Daniel Falla <i>et al.</i>	Inglês/ Espanha	Analisar como o desengajamento moral opera, considerando vitimização e agressão no <i>bullying</i> escolar.	2020	<i>Google Acadêmico</i>
O bullying na primeira infância: revisão integrativa da literatura	Aline O. P. dos Santos <i>et al.</i>	Português/ Brasil	Identificar evidências sobre o <i>bullying</i> na primeira infância.	2021	<i>Google Acadêmico</i>
Associação entre provável bruxismo em	Letícia S. Alonso <i>et al.</i>	Português/ Brasil	Avaliar a associação entre provável bruxismo	2019	<i>Google Acadêmico</i>

vigília e bullying entre escolares			em vigília (PBV) e <i>bullying</i> escolar.		
Joint Growth Trajectories of Bullying Perpetration and Victimization Among Korean Adolescents: Estimating a Second-Order Growth Mixture Model–Factor-of-Curves With Low Self-Control and Opportunity Correlates	Sujung Cho; Jin Ree Lee	Inglês/ Coreia do Sul	Examinar as trajetórias de perpetração e vitimização de <i>bullying</i> ao longo do tempo, considerando características de traços individuais e medidas de oportunidade.	2020	Periódicos CAPES
Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying	Ricardo R. Rech et al.	Português/ Brasil	Verificar a prevalência de <i>bullying</i> escolar e as possíveis associações com outras variáveis.	2013	Scielo
Instrumentos de rastreio, identificação e avaliação das diferentes formas de violência sofridas na infância e na adolescência: uma revisão de literatura	Déborah G. R. Oliveira	Português/ Brasil	Identificar os instrumentos para rastreio e identificação das diferentes violências sofridas utilizadas em estudos no Brasil.	2017	Google Acadêmico
Obesidade, insatisfação com a imagem corporal e sintomas para transtornos alimentares em escolares na Serra Gaúcha	Ricardo R. Rech	Português/ Brasil	Analisar a obesidade, sintomas para transtornos alimentares, insatisfação com a imagem corporal e <i>bullying</i> escolar.	2013	Google Acadêmico
Bullying e associação de comportamentos de risco entre adolescentes da Região Norte: um estudo a partir da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar	Renata F. dos Santos; Eliseu V. Junior	Português/ Brasil	Identificar a prevalência do <i>bullying</i> e a associação de comportamentos de risco entre adolescentes.	2015	Scielo
Associações entre a prática de bullying e variáveis individuais e de contexto na perspectiva dos agressores	Wanderlei A. de Oliveira et al.	Português/ Brasil	Estimar a prevalência de <i>bullying</i> , sob a perspectiva do agressor e analisar sua associação com variáveis.	2016	Scielo
Evolution of the report of suffering bullying among Brazilian schoolchildren: National Scholl Health Survey-2009 to 2015	Flávia C. M. Mello et al.	Inglês/ Brasil	Comparar o <i>bullying</i> nas capitais brasileiras e variáveis individuais e de contexto.	2018	BVS
O fenômeno bullying: diferenças entre meninos e meninas	Fernanda Silva; Denise Dascanio; Tânia G. M. do Valle	Português/ Brasil	Identificar os tipos de <i>bullying</i> escolar mais prevalentes entre meninos e meninas.	2016	Periódicos CAPES

Habilidades sociais e bullying: um estudo entre agressores e vítimas	Zeimara A. Santos; Adriana B. Soares	Português/ Brasil	Identificar relações entre habilidades sociais e <i>bullying</i> .	2017	Google Acadêmico
Características de vítimas de bullying em 10 cidades da Serra Gaúcha	Gustavo da Rosa	Português/ Brasil	Verificar a prevalência e características de vítimas de <i>bullying</i> escolar em cidades da Serra Gaúcha.	2019	Google Acadêmico
Bullying entre Estudantes com e sem Características de Dotação e Talento	Juliana C. Oliveira; Altemir J. G. Barbosa	Português/ Brasil	Investigar o <i>bullying</i> considerando características de dotação e talento.	2012	Scielo
Associação entre reprovação escolar, bullying e drogas ilícitas em adolescentes: estudo transversal	Nardilene P. Gomes et al.	Português/ Brasil	Investigar a reprovação escolar e sua associação com vivência de <i>bullying</i> e consumo de drogas.	2018	BVS
Manifestações de bullying em diferentes contextos escolares: um estudo exploratório	Luís G. F. Aguiar; Sylvia D. Barreira	Português/ Brasil	Explorar a ocorrência de <i>bullying</i> em contextos escolares.	2017	Scielo
Actores del acoso escolar	Margarita M. C. Echeverri; Jorge E. Vargas-González	Espanhol/ Colômbia	Analisar o <i>bullying</i> escolar, seu alcance, suas características e efeitos.	2018	Scielo
Bullying: prevalence and factors associated with victimization and aggression in the school quotidian	Emanuella D. C. Marcolino et al.	Inglês/ Brasil	Analisar a prevalência do <i>bullying</i> escolar e fatores associados.	2018	Scielo
TOD: perspectivas comportamentais e sua associação ao TDAH e à TC	Taynara S. Silva et al.	Português/ Brasil	Apresentar perspectivas sobre TOD e suas principais associações.	2020	Google Acadêmico
Mechanisms of moral disengagement in the exercise of moral agency	Albert Bandura et al.	Inglês/ Estados Unidos	Examinar o papel do desengajamento moral na agência moral e seus efeitos.	1996	Periódicos CAPES
Bullying e mecanismos de desengajamento moral: revisão sistemática da literatura com metanálise	Wanderlei A. de Oliveira et al.	Português/ Brasil	Examinar evidências sobre o desengajamento moral no envolvimento de estudantes em situações de <i>bullying</i> .	2021	Scielo
Childhood maltreatment and Chinese adolescents' bullying and defending: The mediating role of moral disengagement	Xingchao Wang et al.	Inglês/ China	Esclarecer sobre os mecanismos entre maus-tratos, <i>bullying</i> e defesa de adolescentes.	2017	Pubmed

Adolescent aggression and violent video games: the role of moral disengagement and parental rearing patterns	JiaYu Li; Qian Du; Xuemei Gao	Inglês/ China	Explorar a relação entre VVGE e agressão em adolescentes chineses.	2020	Periódicos CAPES
A longitudinal study of link between exposure to violent video games and aggression in Chinese adolescents: The mediating role of moral disengagement	Zhaojun Teng et al	Inglês/ China	Examinar o desengajamento moral enquanto possível variável mediadora na exposição a jogos violentos e agressão entre adolescentes.	2019	Google Acadêmico
Bullying perpetration, moral disengagement and need for popularity: examining reciprocal associations in adolescence	Eva M. Romera et al.	Inglês/ Espanha	Examinar associações entre necessidade de popularidade, desengajamento moral e <i>bullying</i> .	2021	Google Acadêmico
Moral disengagement among children and youth: A meta-analytic review of links to aggressive behavior	Gianluca Gini; Tiziana Pozzoli; Shelley Hymel	Inglês/ Estados Unidos	Revisar o desengajamento moral e comportamento agressivo entre crianças e adolescentes.	2014	Pubmed
<i>Bullying</i>: dimensões psicológicas no desenvolvimento moral	Luciene R. P. Tognetta; Pedro Rosario	Português/ Brasil	Relacionar o <i>bullying</i> às representações de si e às formas pelas quais os sujeitos se autorregulam.	2013	Periódicos CAPES
Empathy online and moral disengagement through technology as longitudinal predictors of cyberbullying victimization and perpetration	Inmaculada Marin-Lopez et al.	Inglês/ Espanha	Analisar as relações entre <i>cyberbullying</i> , empatia <i>on-line</i> e desengajamento moral.	2020	Periódicos CAPES
Opressão nas escolas: o <i>bullying</i> entre estudantes do ensino básico	Cíntia S. Silva; Bruno L. D. Costa	Português/ Brasil	Examinar o <i>bullying</i> entre os alunos do ensino básico.	2016	Scielo
A produção subjetiva do cuidado: uma cartografia de <i>bullying</i> escolar	Pamela L. Pigozi	Português/ Brasil	Compreender a produção do cuidado a uma vítima de <i>bullying</i> em sua comunidade.	2018	BVS

Fonte: Elaborado pelas autoras.

DISCUSSÃO

Para analisar o perfil de crianças e adolescentes praticantes de *bullying*, temos que as evidências variam consideravelmente de acordo com a faixa etária. Além disso, parte das

características clínico-epidemiológicas mais observadas entre os agressores se repete no caso das vítimas do *bullying* escolar (DEL PRETTEA *et al.*,1998). Nessa revisão, consideramos o perfil de escolares com equivalente agressor, isolado ou associado à vitimização, começando pelas séries iniciais.

A investigação do *bullying* na primeira infância é especialmente difícil, sendo mais escassos os dados epidemiológicos a respeito de crianças até 6 anos de idade. Entre aqueles com idade entre 3 e 6 anos, os alunos do sexo masculino apresentaram menos controle da resposta à raiva e prática de *bullying* mais assídua e agressiva. Nessa idade, os agressores tendem a ter pais com os quais se conectam menos sentimentalmente e de quem sofrem mais punições físicas (DUAN *et al.*, 2020).

Não foi observada relação entre déficits nas habilidades iniciais de desenvolvimento emocional e agressividade entre pares. Por outro lado, pré-escolares com diagnóstico de transtornos psiquiátricos e/ou deficiências têm mais chances de serem vítimas-agressoras quando comparadas às demais crianças. Como fator de proteção, o estímulo parental à construção da autonomia da criança a partir dos 4 anos de idade diminui seu envolvimento com o *bullying* (DUAN *et al.*, 2020).

Entre alunos com mais de 6 anos, algumas dessas características se repetiram. Em estudo com escolares de 8 a 11 anos, foi encontrada uma prevalência de vivência do *bullying* de 23,3%. Escolares enquadrados como vítimas-agressores apresentaram quadros mais frequentes e graves de PBV (Provável Bruxismo de Vigília) comparados aos demais. Ademais, crianças que sentiam cansaço ao acordar pela manhã apresentavam maior envolvimento com o *bullying* (DUARTE *et al.*, 2020).

Um estudo longitudinal com escolares com idade entre 11 e 15 anos, indicou que aqueles que se relacionam com grupos delinquentes praticam mais *bullying*. Estudantes do sexo masculino e com menos autocontrole tendem a iniciar o Ensino Médio com maiores graus de envolvimento na perpetração do *bullying* (PEGERT *et al.*, 2020).

Foi observado que os estudantes entre 11 e 14 anos com hábitos sedentários têm o dobro de chances de serem agressores (GOLBERSTEIN *et al.*, 2019; GOLBERSTEIN *et al.*, 2020; IMRAN *et al.*, 2020; JIAO *et al.*, 2020). Apesar disso, esse ponto do perfil dos alunos agressores não tem consenso na literatura (MACHADO *et al.*, 2020).

Não foi encontrada correlação estatística entre cor da pele e o envolvimento com as agressões do *bullying*, sendo a distribuição da composição étnica entre os agressores relativamente uniforme. Apesar disso, os escolares autodeclarados pardos foram agressores

com menor frequência quando comparados aos estudantes negros, amarelos e brancos (MACHADO *et al.*, 2020).

Violência física familiar, abuso sexual, físico e/ou emocional e negligência são preditores do comportamento agressivo no *bullying* também após a pré-escola (MALLOY-DINIZ *et al.*, 2020). Da infância à adolescência, os alunos praticantes do *bullying* vivenciam uma estrutura familiar pouco ou nem um pouco afetiva (MACHADO *et al.*, 2020; ORBEN *et al.*, 2020).

No Brasil, não foi identificada relação entre escolaridade, condição socioeconômica dos pais e comportamento escolar agressivo. Contudo, estudos europeus identificaram nível socioeconômico mais baixo como fator de risco para sofrer e cometer agressões (PEGERT *et al.*, 2020).

Avaliando a saúde mental, os agressores relataram que vivenciam, em sua maioria, quadros de insônia, solidão e ausência de supervisão familiar, contrariando teorias e estudos que falam a respeito de agressores mais populares (DUARTE *et al.*, 2020; MACHADO *et al.*, 2020).

Quanto ao comportamento acadêmico, alunos agressores têm rendimento escolar abaixo dos demais, faltam quase duas vezes mais às aulas e apresentam uma atitude repulsiva em relação à escola, aos professores e ao curso de aprendizagem (MACHADO *et al.*, 2020). Conseqüentemente, reprovam mais que os alunos não envolvidos com o *bullying* (O'SULLIVAN *et al.*, 2021).

Agressores usam tabaco e consomem álcool e drogas ilícitas com mais frequência (MACHADO *et al.*, 2020; O'SULLIVAN *et al.*, 2021). Quanto aos demais hábitos de vida, a prática sexual é frequente mais de duas vezes entre agressores que entre os demais alunos. Muitas vezes, esse início da vida sexual é precoce e marcado por relações desprotegidas, expondo os alunos à gravidez na adolescência e a infecções sexualmente transmissíveis (MACHADO *et al.*, 2020).

É importante considerar também que o *bullying* escolar pode ocorrer de diferentes formas, sendo elas: o *bullying* físico, o *bullying* verbal, o *bullying* social e o *bullying* psicológico. Essas formas estão relacionadas não somente com o agressor e a vítima, mas também com os observadores, além de deixar evidente que a vítima pode se tornar também um agressor (PACHECO *et al.*, 2021).

No *bullying* físico, utiliza-se a força corporal ou mecânica para intimidar, gerar dor ou privação. Isso pode ocorrer com danos à vítima, à sua propriedade e/ou a seu ambiente. No

bullying verbal, são utilizadas palavras para ofender, humilhar, discriminar ou gerar ridicularização. O *bullying* social é o que tem como foco prejudicar as relações das vítimas com terceiros, enquanto o *bullying* psicológico são as mais diversas formas de humilhação à vítima para gerar o sentimento de inferioridade, baixa autoestima, medo, insegurança e impotência (PFEFFER BAUM *et al.*, 2020).

A literatura aponta que a forma do *bullying* praticado tem relação com o sexo do agressor. Foi identificada uma predileção do sexo masculino pelo *bullying* direto (agressões físicas, abusos sexuais, insultos, apelidos, comentários racistas e prejuízo à propriedade material alheia), enquanto o sexo feminino pratica mais o *bullying* indireto (exclusão intencional, fofocas, manipulação, entre outros), sendo compatível com o que vem sendo demonstrado na literatura (PACHECO *et al.*, 2021).

Nesse estudo, a prevalência identificada de *bullying* foi de 24%, considerando agressões repetidas e habituais. É importante considerar que a frequência de agressores do sexo masculino foi maior na escola pública, enquanto na particular houve distribuição mais homogênea entre os sexos dos perpetradores de *bullying* (PFEFFER BAUM *et al.*, 2020).

Entre adolescentes em Campina Grande, Paraíba, encontrou-se prevalência de 29,5% na vitimização de *bullying* escolar. O *bullying* psicológico (espalhar fofocas, excluir de atividades, ameaçar, ridicularizar) foi predominante entre ambos o sexos – relatado por 23,3% dos estudantes. O *bullying* físico (dar socos, chutes, empurrar) foi relatado por 15% dos alunos e o virtual (enviar mensagens de ameaça, xingamento, ridicularização via internet) por 5,5%. A prevalência de alunos perpetradores foi de 8,4%, mais comumente relatado cometer agressões psicológicas (REMÉDIOS, 2010).

É importante ressaltar que este estudo verificou também a associação entre a vitimização por *bullying* e o agressor de violência escolar, sendo evidenciada uma maior probabilidade da vítima de *bullying* tornar-se produtora de alguma violência contra outros estudantes (REMÉDIOS, 2010).

O encorajamento a atitudes hostis para emanar masculinidade por meio da força física influencia culturalmente crianças e adolescentes do sexo masculino em sua forma de praticar *bullying*. Isso demonstra que a diferença entre as formas de *bullying* é relevante para compreender como condições clínicas, psíquicas e sociais afetam as tendências agressivas de comportamento (PACHECO *et al.*, 2021; REMÉDIOS, 2010).

Dados sobre a saúde de agressores apontam mais diagnósticos e sintomas consequentes do que causadores do comportamento violento. Nesse sentido, as condições clínicas, psíquicas

e sociais se correlacionam, sendo o *bullying* um fenômeno multifatorial (DEL PRETTEA *et al.*, 1998).

A agressividade escolar pode ser uma tentativa de resposta frente a críticas. Padrões de impulsividade, desatenção e comportamento adverso a regras podem ser os geradores dessas observações, afetando a autoestima da criança. Nesse sentido, tanto vítimas quanto agressores do *bullying* têm maiores índices de distúrbios externalizantes, como o Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD) e o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) (SANTOS, 2020).

No âmbito psicossocial, aponta-se o desengajamento moral (DM), estudado desde a década de 80 (SEGRIN *et al.*, 2007), como preditor para o *bullying* (SENNA; DESSEN, 2012). O desligamento moral faz algo desumano parecer, temporariamente, humano, na percepção de um indivíduo, ainda que sua moralidade permaneça intacta (REMÉDIOS, 2010). O DM inclui a construção de justificativas para atitudes que prejudicam outras pessoas, sem que exista culpa ou reconhecimento dos danos causados ao outro (SENNA; DESSEN, 2012). A criança passa por uma dessensibilização cognitiva e tende a repetir comportamentos que percebe serem recompensados socialmente, ainda que isso prejudique outra pessoa (SHUJAKH *et al.*, 2020).

Foi investigada a relação entre exposição a videogames violentos, *Violent video games exposure* (VVGE) e comportamento agressivo, considerando variáveis individuais e familiares. Com amostra composta por alunos de escolas da China, esse estudo sugere que a VVGE está associada a traços de comportamento agressivo, DM e ao estilo de criação parental negativo. Essa criação é marcada por rejeição e punições pouco saudáveis que podem levar o menor a buscar formas de reduzir o estresse jogando videogames violentos, por exemplo (SOUZA *et al.*, 2010).

A literatura verificou que a maioria das crianças com comportamentos agressivos têm essa conduta apenas temporária ou desistente, mas cerca de 10% delas seguem com essas práticas por anos e podem evoluir para comportamentos desviantes mantidos na adolescência ou na vida adulta (US DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES, 2019).

Foram também descritos engajamentos ou desengajamentos morais no contexto do *bullying*, utilizando situações hipotéticas. Há forte papel do individualismo associado ao DM na construção do comportamento agressivo de escolares (VENTURA, 2013), o que é condizente com a ausência de autocondenação característica de grande parte dos agressores (SHUJAKH *et al.*, 2020).

No *cyberbullying*, alguns pesquisadores consideram que o desengajamento moral não é tão necessário no sentido de racionalização do comportamento. Por conta da comum ideia de que as ofensas *on-line* são menos graves, haveria maior distanciamento em relação à vítima, diminuição da empatia, anonimato virtual e maior impunidade. Contudo, o DM pode ocorrer por meio da tecnologia, sendo também manifestado no ambiente virtual (WEINSTOCK *et al.*, 2021).

Uma realidade destacada nos últimos anos é a grande proporção de vítimas-agressoras do *bullying*, observado no perfil epidemiológico previamente descrito. Esse fenômeno levanta a possibilidade de influência de fatores como sentimentos de vingança, crença de que o *bullying* é efetivo como estratégia de “punição” e reestruturação cognitiva, além do próprio desengajamento moral (DEL PRETTEA *et al.*, 1998).

A teoria geral do crime ou teoria do autocontrole, de Gottfredson e Hirschi, também busca analisar as condutas de crianças e adolescentes agressores. Para esses teóricos, o autocontrole é desenvolvido durante a primeira infância e um dos grandes fatores de influência nesse processo é a criação dos pais. A criação eficaz contaria com a monitorização do comportamento dos filhos, o reconhecimento precoce de desvios e a punição imediata. Nesse sentido, menores níveis de autocontrole estariam associados a desvios comportamentais em caso de oportunidade (YAMAMURA; TSU STUI, 2021).

A teoria fala em busca pelo prazer e evitação da dor. Todos seriam motivados a se envolver no crime ou comportamento desviante e as oportunidades de fazê-lo seriam onipresentes. A diferença entre um infrator e um não infrator residiria, então, no nível de autocontrole de cada um (YAMAMURA; TSU STUI, 2021).

A literatura sugere, ainda, uma relação entre um ambiente escolar não afetivo com a prática do *bullying*, visto que não apenas a vivência familiar traumática colabora para desencadear o comportamento violento, mas também a falta de construção satisfatória de laços dentro da própria instituição de ensino (GOLBERSTEIN *et al.*, 2019). Foi observado que o vínculo construído entre o aluno e a escola é fator de maior influência no comportamento de *bullying* que o próprio contexto familiar, contrariando algumas premissas da Teoria de Gottfredson e Hirschi. Um ambiente escolar de insatisfação do corpo discente, convivência pouco amistosa com professores, presença policial e uso de punições são o que se considera um clima escolar negativo. Esse clima escolar estaria relacionado com maiores níveis de *bullying* (YAMAMURA; TSU STUI, 2021).

Em estudo qualitativo de pesquisa-intervenção trata-se sobre como a vítima de *bullying* vivencia essa realidade e procura ajuda. Foram investigadas as agressões sofridas por um escolar de 11 anos, sendo citadas situações de apelidos odiosos e materiais escolares pegos sem permissão. A vítima refere intervenções inefetivas da diretoria da escola. O caso alerta para a falta de capacitação e o ambiente impróprio em que se encontram os professores, no sentido de lidar com o *bullying*. Além disso, quando o aluno entrevistado é levado à assistência em saúde, suas condições orgânicas são abordadas isoladamente, com pouco debate acerca da forma de enfrentamento do adolescente e de seu entorno psicossocial. Há um modelo de atendimento vertical e médico-curativista, demonstrando que a falta de preparo no enfrentamento do *bullying* não está restrita ao contexto de ensino, mas também inclui instituições e profissionais da saúde (YAMAMURA; TSU STUI, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão trouxe uma perspectiva das atualizações sobre um fenômeno estudado há décadas. Foram incluídos na revisão de literatura 30 artigos adequados aos critérios estabelecidos. Os achados de algumas variáveis epidemiológicas demonstram a necessidade de uma observação mais cuidadosa desses estudantes, bem como sugestões de intervenção em múltiplas frentes, levando em conta o contexto e a individualidade das crianças e dos adolescentes envolvidos com o *bullying*. As mudanças ocorridas no contexto educacional durante a pandemia devem também ser consideradas, uma vez que o impacto psíquico, social e educacional dos últimos anos foi significativo.

Geralmente, a resposta socioescolar ao comportamento inicial de crianças e adolescentes é a grande definidora da presença ou não de agressões, ainda que existam variáveis clínicas prévias. As estratégias contra o *bullying* escolar precisam, portanto, perpassar a capacitação de professores, supervisores e diretores. É necessário encorajar condutas familiares e psicopedagógicas continuadas no enfrentamento do *bullying* escolar com enfoque na gênese dessa problemática, onde estão inseridos os agressores.

Em face do entendimento científico, o *bullying* é uma variável modificável que provoca problemáticas a curto, médio e longo prazo. É, assim, importante a identificação e a abordagem de comportamentos agressivos desde a primeira infância, considerando o início precoce do *bullying* escolar, a “manutenção” dos níveis de desengajamento moral a partir dos 8 anos de idade e a pouca alteração do perfil do agressor da infância até a adolescência.

Além disso, é necessário que, ao intervir diante do *bullying* escolar, seja levada em conta a forma de violência empreendida (física, verbal, social e/ou psicológica). Nesse sentido, pela influência das motivações e do perfil do agressor, tais fatores podem configurar pistas importantes para compreender e atuar diante das variadas práticas de *bullying*.

Existe atraso no diagnóstico de situações de *bullying* na avaliação da saúde de escolares. Isso aponta a necessidade de uma equipe multidisciplinar para ampliar a identificação de problemas. Além disso, a dificuldade de acesso a serviços públicos de saúde e a pouca sensibilidade dos profissionais na identificação do *bullying* demonstram que é preciso revisar as posturas e condutas no atendimento.

Portanto, diante do forte papel moral na construção do comportamento, é relevante o estímulo às relações empáticas e solidárias dentro dos ambientes escolares e familiares. Esse processo educativo deve perpassar não apenas a questão social do *bullying*, mas também a individualidade dos alunos e o estímulo à autonomia. No sentido da saúde coletiva, é importante que profissionais estejam aptos a identificar, compreender e agir diante de crianças e adolescentes envolvidos com o *bullying*.

Neste retorno às aulas e a outras atividades presenciais, é importante que profissionais médicos e professores estejam atentos e sensibilizados a respeito da questão do *bullying*, tendo em vista que o reconhecimento de comportamentos e tendências agressivas pode iniciar a construção de melhores estratégias de enfrentamento intersetoriais.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR-FARIAS, N. *et al.* Associations between movement behaviors and emotional changes in toddlers and preschoolers during early stages of the COVID-19 pandemic in Chile. **Frontiers in Pediatrics**, v. 9, p. 1-15, 2021.
- ALCOBIA, I. *et al.* O olhar das crianças/adolescentes sobre a pandemia COVID-19 e a psicologia. **Revista INFAD de Psicología**, v. 2, n. , p. 249-256, 2020.
- ARANHA, MSF. A interação social e o desenvolvimento humano. **Temas em Psicologia**, v. n. 3, p. 19-28, 1993.
- BARBOSA, PV. *et al.* Autonomia, responsividade/exigência e legitimidade da autoridade parental: perspectiva de pais e adolescentes. **Psico-USF**, v. 22, n. 1, p. 23-34, 2017.
- BLAKEMORE, SJ. Development of the social brain in adolescence. **Journal of the Royal Society of Medicine**, n. 105, p. 111-116, 2012.
- COLL C. *et al.* **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUI, Y. *et al.* Mental health services for children in China during the COVID-19 pandemic: results of an expert-based national survey among child and adolescent psychiatric hospitals. **European Child & Adolescent Psychiatry**, v. 29, n. 6, p. 743-748, 2020.

DEL PRETTE, A. *et al.* Efeitos de uma intervenção sobre a topografia das habilidades sociais de professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 2, p. 11-22, 1998.

DUAN, L. *et al.* An investigation of mental health status of children and adolescents in China during the outbreak of COVID-19. **Journal of Affective Disorders**, v. 1, n. 275, p. 112-118, 2020.

DUARTE, MQ. *et al.* COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 9, p. 3401-3411, 2020.

FEGERT JM. *et al.* Challenges and burden of the coronavirus 2019 (COVID - 19) pandemic for child and adolescent mental health: a narrative review to highlight clinical and research needs in the acute phase and the long return to normality. **Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health**, v. 14, p. 1-11, 2020.

GOLBERSTEIN, E. *et al.* Coronavirus disease 2019 (COVID-19) and mental health for children and adolescents. **JAMA Pediatrics**, v. 174, n. 9, p. 819-820, 2020.

GOLBERSTEIN, E. *et al.* How do economic downturns affect the mental health of children? Evidence from the National Health Interview Survey. **Health Economics**, v. 28, n. 8, p. 955-970, 2019.

IMRAN, N. *et al.* Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 pandemic. **Pakistan Journal of Medical Sciences**, v. 36, p. 67-72, 2020.

JIAO, WY. *et al.* Behavioral and emotional disorders in children during the COVID-19 epidemic. **The Journal of Pediatrics**, n. 221, p. 264-266, 2020.

MACHADO, M. *et al.* O impacto da pandemia por COVID-19 na cultura e no desenvolvimento de crianças e adolescentes do Nordeste do Brasil: uma revisão integrativa. **Pedagogia em Ação**, v. 17, n. 3, p. 200-211, 2021.

MALLOY-DINIZ, LF. *et al.* Saúde mental na pandemia de COVID-19: considerações práticas multidisciplinares sobre cognição, emoção e comportamento. **DP**, v. 10, n. 2, p. 46-68, 2020.

MANGUEIRA, LFB. *et al.* Saúde mental das crianças e adolescentes em tempos de pandemia: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 11, p. 1-8, 2020.

MARTINS, MAM; MONTEIRO, IS. Psicoterapia interpessoal: características e efetividade. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 18, n. 2, p. 109-123, 2016.

O'SULLIVAN K, *et al.* Qualitative study of child and adolescent mental health during the COVID-19 pandemic in Ireland. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 3, p. 1062, 2021.

OLIVEIRA, MCSL. *et al.* Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. **Temas em Psicologia**, v. 11, n. 1, p. 61-75, 2003.

ORBEN, A. *et al.* The effects of social deprivation on adolescent development and mental health. *The Lancet*. **Child & Adolescent Health**, v. 4, n. 8, p. 634-640, 2020.

PACHECO, JTB. *et al.* Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.15, n. 2, p. 117-122, 2012.

PFEFFERBAUM, B. *et al.* Mental health and the COVID-19 pandemic. **The New England Journal of Medicine**, v. 6, p. 510-512, 2020.

REMÉDIOS, CINF. **O bem-estar psicológico e as competências pessoais e sociais na adolescência**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

SANTOS, BS. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SEGRIN, C. *et al.* Social skills, psychological well-being, and the mediating role of perceived stress. **Anxiety, Stress & Coping**, v. 20, n. 3, p. 321-329, 2007.

SENNA, SRCM; DESSEN, MA. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 101-108, 2012.

SHUJA, KH. *et al.* COVID-19 pandemic and impending global mental health implications. **Psychiatria Danubina**, v. 32, n. 1, p. 32-35, 2020.

SOUZA, MT. *et al.* Integrative review: what is it? How to do it? **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

STEINBERG, L.; MORRIS, AS. Adolescent development. **Annual Review of Psychology**, n. 52, p. 83-110, 2001.

TANAKA, K. *et al.* The experimental study of the effect of social skills on stress reactions in interpersonal situations: The effect of relative differences in the social skills of two persons interacting with one another. **The Japanese Journal of Social Psychology**, v. 17, n. 3, p. 141-149, 2002.

US DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES. Sociedade de Pediatria do Estado do Rio de Janeiro. **O desenvolvimento do adolescente**. Rio de Janeiro: SOPERJ, 2019.

VENTURA, J. Educação ao longo da vida e organismos internacionais: apontamentos para problematizar a função qualificadora da Educação de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, n. 1, p. 29-44, 2013.

WEINSTOCK, L. *et al.* It's Complicated: adolescent grief in the time of COVID-19. **Frontiers in Psychiatry**, v. 12, p. 1-7, 2021.

YAMAMURA, E.; TSUSTSUI, Y. School closures and mental health during the COVID-19 pandemic in Japan. **Journal of Population Economics**, v. 34, p. 1261-1298, 2021.